

A Imagem de Espanha em alguns Viajantes Portugueses no século XIX

António Ventura
Universidade de Lisboa

Na segunda metade do século XIX, as relações políticas, económicas e culturais entre Portugal e Espanha foram frequentemente abordadas através de uma vasta bibliografia produzida de ambos os lados da fronteira, com destaque para um tema recorrente: a questão do Iberismo, momentosa por ocasião da hipotética candidatura de D. Fernando II ao trono do país vizinho, a Federação Ibérica, ideia perfilhada por republicanos de ambos os lados da fronteira, e que os monárquicos lusos pretendiam, demagogicamente, fazer coincidir com o iberismo.

Uma das vertentes do relacionamento entre ambos os países e que consideramos mais interessantes foi a deslocação frequente de intelectuais – e não só – portugueses e espanhóis aos dois estados peninsulares, resultando dessas viagens apontamentos, crónicas jornalísticas tão frequentes na imprensa peninsular, e até livros que surgem referenciados pelos vários autores que se têm debruçado sobre esta temática, como Fouché-Delboch, Arturo Farinenelli, José Garcia Mercadal e Romeiral-Pérez. Recordemos, a propósito, as palavras de H. Taine¹: «Cartas e diários de viajantes estrangeiros completam, pelas pinturas independentes, os retratos que esta sociedade traçou de si mesma».

A análise desses textos ajuda-nos a construir um quadro mais preciso da forma como as elites peninsulares viam e apreciavam os seus vizinhos. Vejam-se, para a época em apreço – o último quartel do século XIX – como exemplos esclarecedores, os livros de espanhóis sobre Portugal: Juan de la Rada y Delgado, Fernandez de los Rios, Nicolás Diaz y Pérez, Modesto Farnández y Conzález, os irmãos Giner de los Rios, Severo Catalina y del Amo, Sureliano Fernández Guerra y Orbe, Fidel Fita e Colomer, para apenas citarmos alguns dos mais representativos. Mas o que nos interessa e é tema desta comunicação é o inverso, isto é, textos de viajantes portugueses por Espanha no último quartel do século XIX. O tema não é inédito, como o demonstra a antologia organizada por José Osório de Oliveira em 1964, intitulada *A Espanha vista pelos portugueses*, Veja-se, em sentido inverso, o excelente livro de Leal da Câmara *Miren Ustedes. Portugal visto de Espanha*

1. Hippolyte Adolphe TAINE, *l'Ancien Régime*, Paris, Librairie Hachette, 1876, t. I, VI.

(Porto, 1917). De facto, são muito numerosos os portugueses que viajaram por Espanha nos finais do século XIX e nas primeiras duas décadas do seguinte, produzindo uma significativa literatura em qualidade e em quantidade. Seria impossível enumerar, simplesmente enumerar, aqui, a relação desses autores e respectivas obras. Limitar-nos-emos aos finais da centúria de oitocentos, sem procurarmos ser exaustivos, e, de entre esse acervo, destacaremos dois autores em particular.

Vejam, em primeiro lugar, como esses viajantes foram variados.

Anselmo de Andrade, político e jornalista, *Viajem na Espanha* (Lisboa, Tip. Matos e Moreira, 1885), onde relata a sua estada em Espanha entre 1875 e 1880, com referências à Extremadura, Castilla la Mancha, Galiza, Catalunha...

Joaquim de Araújo, académico, jornalista e diplomata, divulgador da literatura espanhola em Portugal, esteve em Espanha em 1891 e publicou no *Primeiro de Janeiro* algumas crónicas sobre a sua experiência.

Tomás Lino de Assunção, um homem ligado aos caminhos-de-ferro no Brasil, onde fez fortuna, jornalista, editor, Inspector das Bibliotecas e Arquivos e Secretário da Biblioteca Nacional, Membro da Academia Real de las Bellas Artes de San Fernando e do Consejo nacional de Monumentos Nacionales, escreveu *Em Espanha: arte e paisagens* (Lisboa, 1896), com apontamentos sobre a Galiza, Madrid e a Extremadura.

Joaquim José Coelho de Carvalho, reitor da Universidade de Coimbra, Presidente da Academia das Ciências e diplomata, foi cônsul de Portugal em Huelva entre 1919 e 1922. No seu livro *Viajagens* (1884), que não se limita, naturalmente, à Península Ibérica, descreve as suas andanças e impressões em Madrid e Barcelona.

Manuel Pinheiro Chagas, escritor que tanta popularidade alcançou no seu tempo a demonstrar quão fugaz é a glória que o sucesso literário proporciona, também em Espanha teve algum êxito, como o prova a tradução do seu livro *A Morgadinha de Valflor*, por Curros Henriques, que lhe deu o título de *La Condesita*. No seu livro *Madrid* (1871) discorre sobre a capital espanhola que tanto apreciava.

Luciano Cordeiro, figura capital do nosso pensamento e política coloniais na segunda metade do século XIX, e que também foi escritor, descreveu as suas viagens em França, Baviera, Áustria, Espanha e Itália em dois livros. O país vizinho é tema para *Viagens: Espanha e França* (Lisboa, 1874), mais exactamente Madrid, Santander e San Sebastian.

Albano Coutinho, viticultor, republicano, jornalista, homem de muitos recursos e de muitos ofícios, interessou-se pelo grande tema do momento: o Iberismo, e sobre ele escreveu um livro que se situa fora do âmbito desta nossa comunicação. Mas também publicou o interessante relato *Cinco Dias em Madrid* (Lisboa, 1971), mais um dos muitos livros escritos por portugueses sobre a capital do país vizinho.

A relação dos portugueses que escreveram sobre a Espanha no último quartel do século XIX é substancial e não podemos, por razões de economia de tempo, prosseguir com a sua enumeração sistemática. Referiremos apenas David Correia Sanches de Frias, Costa Goodolphim, o Visconde de Benalcanfor, Óscar Leal, Júlio César Machado, Jaime de Magalhães Lima, Alfredo Mesquita, Gabriel Pereira, Victor do Monte, Eduardo de Moura, Ramalho Ortigão, José Maria Pereira Rodrigues, José Joaquim Sena Freitas, Inácio Francisco Silveira da Mota, António Augusto Teixeira de Vasconcelos, Cunha Belém, Simões Dias, com o seu interessantíssimo livro *A Espanha Moderna* (Porto, Imprensa Portuguesa, 1879), que é um autêntico repositório da literatura espanhola da época, com realce para os lusitanistas e as pontes culturais entre os dois países.

Desse acervo enorme e rico, destacaremos Bulhão Pato, um dos nossos memorialistas por exce-

lência, e que ocupa um lugar singular porque, sendo português, nasceu a de 3 de Março de 1829 em Bilbao. Ali viveu a I Guerra Carlista, nomeadamente os cercos sofridos por aquela cidade, retirando-se a família para Portugal em 1837. No I volume das suas memórias, Bulhão Pato confessa que lhe deu um particular prazer escrever sobre a sua infância – «são gratas, principalmente ao declinar da vida...»². Evoca em Bilbao, sua terra natal, numa época conturbada. É que a família de Bulhão Pato viveu naquela cidade durante a I Guerra Carlista e assistiu às terríveis lutas entre carlistas e cristinos, incluindo o cerco a Bilbao que tantas vítimas causou, e durante o qual foi morto o mais notável general das forças fiéis a D. Carlos Maria Isidro, D. Tomás de Zumalacárregui. Pato descreve muito bem as paixões exacerbadas que dividiam «negros» (liberais) e «facciosos» (carlistas)

Durante dias, avistavam-se ao longe os grupos de carlistas, com os seus capotes, alpercatas e boinas azuis, ouviam-se os ecos dos combates e, mais perto, as descargas dos fuzilamentos. Guerra cruel e impiedosa. Bulhão Pato não deixa de sublinhar: «é um grande povo, o espanhol! Há, porém, momentos em que é grandemente cruel! Jubila com as pavorosas matanças, desde os cavalos estripados às dúzias, até aos fuzilamentos em massa!»³. Uma coisa que o impressionou foi a forma como os carlistas assumiam o martírio, corajosamente, optando por morrer com o peito voltado para as balas e sem venda. Quanto na cidade se ouviam os disparos e se sabia que algum «faccioso» tinha sido arcabuzado, de porta em porta se inquiria: «*Morió de pechos, ó de espaldas?*». E quando respondiam – «*De pechos, de pechos!*» – faziam um sinal de assentimento com a cabeça e exclamavam «*Muy bien, muy bien*». Alguns dos condenados, perante o pelotão de fuzilamento, atiravam a boina ao ar e exclamavam: «*Me voy a cenar con Maria Santíssima!*»⁴. Um amigo do pai de Bulhão Pato, um coronel carlista, também foi passado pelas armas, caminhando para o local da execução, fumando o seu cachimbo, calmamente. Nesse dia, ao jantar, ninguém falou à mesa. Quando os carlistas entraram na cidade, e se aboletaram nas residências particulares, um grupo surgiu em casa dos pais de Bulhão Pato. Surpresa! O oficial que os comandava era um português de apelido Paz, e que morreu dias depois. Era um dos muitos miguelistas que, depois da derrota sofrida em 1834, foram para Espanha combater pela causa de D. Carlos.

Mas o drama da guerra bateu também de outra forma à porta do futuro escritor, embora numa fase posterior, uma vez que a família regressou à pátria num barco dinamarquês por não ser possível continuar a viver em constante sobressalto. Na despedida, que o marcou profundamente – Bulhão Pato tinha oito anos e meio – destacou-se a sua ama, Maria Salomé, uma camponesa de Guernica, que o intimava: «*no te olvides de mí!*» – «A impressão dessa despedida ficou-me para sempre»⁵. Ora Maria Salomé tinha um irmão, Currito, um devotado carlista, «fanático pelos seus foros, pronto a morrer com entusiasmo, contanto que ao cair beijasse o solo da pátria»⁶. Pegou em armas e juntou-se aos rebeldes, o que causava uma preocupação constante na sua irmã. Se fosse capturado a sua sorte era a execução, destino reservado, sem apelo, a todos que eram aprisionados pelos «cristinos». Maria Salomé, preocupada, tomou conhecimento que Currito tinha sido ferido em combate e atravessou as linhas para o ajudar, correndo perigos enormes, mas conseguindo atingir os seus objectivos. Este episódio ocorreu ainda com Bulhão Pato em Bilbao, mas, depois do

2. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias. Cenas de Infância e Homens e Letras*. I, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1894, p. 3. Utilizamos sempre esta edição, que é a primeira.

3. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 24.

4. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 13.

5. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 16.

6. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 11.

regresso a Portugal, Currito foi de novo ferido, com gravidade, e Maria Salomé correu mais uma vez para o auxiliar, levando-lhe fruta, tabaco e roupa. Só que desta vez foi capturada pelos liberais, sob suspeita de espionagem e posta de oratório. Vinte e quatro horas depois, uma escolta acompanhada por um padre conduziu-a ao local da execução. Este episódio, que chegou logo ao conhecimento dos pais de Bulhão Pato, foi-lhe escondido durante anos! O comportamento de Maria Salomé foi exemplar. Caminhava com passo firme, rezando e proferindo o nome da filha, que teria 10 anos, preocupada com a sua sorte uma vez que o tio estava na guerra e a avó já tinha morrido. Levava um xaile que o pai de Bulhão Pato lhe trouxera de França. Quando estava ajoelhada no campo. Chamou subitamente o padre, que se retirava e este voltou para trás. Maria Salomé tirou o xaile, entregou-lho e disse serenamente:

Está novo; dê-o a minha filha. É para o dia do seu casamento⁷.

Este relato correu por toda a região e foi repetido em Bilbao e Deusto. Mais tarde, Bulhão Pato soube o que sucedera: «Assim morreu na flor da vida, vítima de um santo amor e nobre abnegação, a heróica mulher, a cujos peitos eu fui criado!»⁸.

Dessa ligação de Bulhão Pato à Espanha em geral e ao País Basco em especial escreveu Cândido de Figueiredo, no seu livro *Homens e Letras. Galeria de Poetas Contemporâneos*:

Anda cá, meu velho. Tu és um excelente rapaz. Dá cá um charuto e conversemos. Mas, por Júpiter! não me fales português: não queiras ser o que não és. Nascestes espanhol, e hás-de ser sempre espanhol. Tens a alma de Espronceda e os filtros de D. Juan Tenorio.

E não mintas. Tu não nasceste em Bilbao; tu és mais da Andaluzia que das Vascongadas. As cortinas do teu berço eram mantilhas de Granada, os teus brinquedos infantis eram leques de Sevilha, a água lustral deu-ta o Darro e o Xenil.

Não te enteneças, amigo. Isto são metáforas que não obrigam a lágrimas. A saudade fica-te bem nos olhos claros e profundos, mas, caramba! uma lágrima, a ensopar as guias de um bigode grisalho, é um destempero, em frente da ribalta que ilumina a comedia humana⁹.

7. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 17.

8. Raimundo António de Bulhão PATO, *Memórias*, 18.

9. Cândido de FIGUEIREDO, *Homens e Letras. Galeria de Poetas Contemporâneos*, Lisboa, Typ. Universal, 1881, 265.